



Eliminando as injustiças
que causam fome.

**no se pode vender a
terra sobre a qual as
pessoas caminham!**

Tashunka Witko, 1840 –1877

editorial: justiça e soberania alimentar nos estados unidos

Soberania alimentar¹ emergiu como a corajosa resposta da La Via Campesina aos regimes de mercado livre que estão destruindo fontes de subsistência ao redor do mundo. Tem sido muito discutido por todo o Sul Global, por comunidades sofrendo pela disseminação de agrocombustíveis, transgênicos, grilagem de terras e a “privatização de tudo”.

Uma das razões para a popularidade da soberania alimentar é que a globalização neoliberal concentrou quase metade da riqueza do planeta nas mãos de apenas 80 indivíduos. A soberania alimentar é o grito dos despossuídos. Outra razão é que soberania alimentar reflete a profunda resistência da batalha histórica do povo contra a exploração, opressão e colonização. Quando comunidades militando pelos seus direitos descobrem os princípios da soberania alimentar a sua reação é frequentemente “Sim! É isso que estamos fazendo!”. Na linha de frente, as raízes comuns da resistência são facilmente reconhecidas.

Justiça alimentar² é uma dessas lutas. As raízes radicais de justiça social nos Estados Unidos são profundas no movimento de libertação negra. Nos anos 60, seguindo tradições históricas de cuidado pessoal das comunidades afro-americanas, as Panteras Negras traziam comida, serviços de saúde, habitação e educação para os seus bairros - colocando-os sob controle comunitário. Alimentação era um dos pilares de uma plataforma maior por libertação, liberdade da fome e violência policial eram direitos soberanos.

As lutas de hoje confrontam fome e violência na interseção com raça, classe e gênero, levando Justiça alimentar às suas raízes de resistência radical - e na direção da soberania alimentar. Nessa edição, compartilhamos perspectivas sobre a poderosa e reciprocamente enriquecedora convergência da justiça e soberania alimentar.

Eric Holt-Giménez, *Food First*

1 - <http://usfoodsovereigntyalliance.org/what-is-food-sovereignty/>
2 - <http://foodfirst.org/issue-area/us-food-justice>

**assine a nossa
newsletter!**

www.nyeleni.org

**Nos ajude a construir
o movimento pela soberania
alimentar da raiz.**

**Toda contribuição conta:
apóie a Nyéleni Newsletter.**

Banco: BANCA POPOLARE ETICA SCARL
sucursal en España

Titular da conta: Asociación Lurbide –
El Camino de la Tierra

IBAN: ES2315500001220000230821
BIC/SWIFT código: ETICES21XXX

quem somos

Nos últimos anos centenas de organizações e movimentos tem estado engajados em lutas, atividades e variados tipos de trabalho para defender e promover o direito das pessoas à soberania alimentar ao redor do mundo. Muitas dessas organizações estiveram presentes no Forum Internacional Nyéleni 2007 e se sentiram parte de um movimento maior pela soberania alimentar, que considera a declaração de Nyéleni 2007 como a sua plataforma política. **A Nyéleni Newsletter quer ser a voz desse movimento internacional.**

Organizações envolvidas: Fundo de desenvolvimento, FIAN, Focus on the Global South (Food First, Friends of the Earth International, GRAIN, Grassroots International, IPC for food sovereignty, La Via Campesina, Marcha Mundial de las Mujeres, Oxfam Solidarity, Real World Radio, The World Forum Of Fish Harvesters & Fish Workers, TNI, VSF-Justicia Alimentaria Global, WhyHunger.

soberania alimentar !

Definição de justiça alimentar

Justiça alimentar se refere a um espectro amplo de esforços que endereçam injustiças no sistema alimentar americano. Formas fracas de justiça alimentar focam nos efeitos de um sistema alimentar injusto, enquanto formas mais fortes de justiça alimentar focam nas causas estruturais dessas injustiças

Por exemplo, projetos reformistas para justiça alimentar trabalham para oferecer acesso à comida em comunidades injustas para aliviar insegurança alimentar e/ou lutar para melhorar as condições dos alimentos e trabalhistas no sistema alimentar industrial através de mercados de nicho (ex: certificações orgânicas e de comércio justo).

Formas progressistas de Justiça Alimentar levam isso um passo além, produzindo alimentos (tipicamente com métodos orgânicos, permaculturais e/ou agro ecológicos) e trabalhando por um acesso mais igualitário à recursos de produção alimentar, como terra, crédito e mercados; e também por melhores salários e condições justas de trabalho para todos os trabalhadores agrícolas e alimentares (não apenas os que se beneficiam de mercados de nicho).

Justiça alimentar radical foca em transformações redistributivas e estruturais no sistema alimentar, que constroem poder político em comunidades injustas, exploradas e oprimidas – incluindo pessoas negras, imigrantes, mulheres e a comunidade LGBT- e trabalha para dismantelar as leis, regulamentações, instituições e normas culturais que entrincheiram os privilégios corporativos, monopolistas e de homens brancos no sistema alimentar.

Formas radicais e progressistas de justiça alimentar se sobrepõem com soberania alimentar, um conceito de origem internacional definido como o direito das pessoas por um alimento saudável e culturalmente apropriado, produzido através de métodos ecológicos e sustentáveis, e o seu direito de definir os próprios sistemas alimentares e agrícolas.

Racismo e capitalismo

Nosso sistema alimentar moderno se co-desenvolveu ao longo de 30 anos de globalização neoliberal que privatizou bens públicos e desregulou todas as formas de capital corporativo globalmente. Isso levou aos níveis mais altos de desigualdade global na história. O surpreendente custo social e ambiental dessa transição afetou pessoas negras de uma forma muito mais agressiva, refletindo em níveis recordes de fome, migrações massivas de fazendeiros empobrecidos no hemisfério Sul e os níveis ultrajantes de insegurança alimentar, doenças relacionada à dietas, desemprego, encarceramento e violência em comunidades negras desmerecidas no hemisfério norte.

O movimento alimentar nos Estados Unidos surgiu como resposta ao fracasso do sistema alimentar global. Em toda parte, pessoas e organizações estão trabalhando para contrariar as externalidades inerentes do “regime alimentar corporativo”. Compreensivelmente, eles focam em um ou dois componentes específicos — como acesso à alimentação saudável, mercados de nicho, agricultura urbana, etc — ao invés do sistema como um todo. Porém, as estruturas que determinam o contexto dessas alternativas esperançosas continuam firmemente sob o controle das regras e instituições do regime alimentar corporativo.

A Globalização neoliberal também toliu a nossa capacidade de responder aos problemas no sistema alimentar ao destruir tanto da nossa esfera pública. Não somente as funções governamentais de saúde, educação e bem estar foram enterradas; as redes sociais internas das comunidades foram enfraquecidas, exarcebando a violência, intensificando tensões raciais e aprofundando barreiras culturais. As pessoas são desafiadas a confrontar os problemas da fome, violência, pobreza e mudança climática em um ambiente aonde instituições sociais e políticas foram reestruturadas para servir os mercados globais ao invés das comunidades locais.

Visivelmente, o movimento pela justiça alimentar se intensificou – apoiado fortemente pelo setor sem fins lucrativos – para oferecer serviços e melhorar às agências comunitárias nos nossos sistemas alimentares. Conscientemente ou não, a comunidade do movimento alimentar, com os seus projetos participativos “mão na massa” por um sistema alimentar justo, sustentável e saudável, está, de diversas formas, reconstruindo a nossa esfera pública da estaca zero. Simplesmente porque é impossível fazer um sem reconstruir o outro.

Mas como muitas organizações descobriram, nós não podemos reconstruir a esfera pública sem endereçar questões que nos segregam. Para muitas comunidades isso significa falar sobre racismo no sistema alimentar. O próprio movimento alimentar não é imune às injustiças estruturais que busca superar. Por causa da onnipresença do privilégio branco e da opressão internalizada na nossa sociedade, racismo no sistema alimentar pode e reaparece no próprio movimento alimentar, mesmo quando os atores têm as melhores das intenções. Entender porque, onde e como o racismo se manifesta no sistema alimentar, reconhecê-lo no nosso movimento e organizações e em nós mesmos não é trabalho extra para transformar o nosso sistema alimentar, é o trabalho. Entender como o capitalismo funciona também é o trabalho, porque mudar as estruturas subjacentes de um sistema alimentar capitalista é inconcebível sem saber como o sistema funciona em primeiro lugar. Ainda assim, muitas pessoas que tentam mudar o sistema alimentar possuem escasso conhecimento das suas bases capitalistas.

Felizmente, isso está mudando conforme os ativistas do movimento alimentar se aprofundam para compreender completamente o sistema por traz dos problemas que eles confrontam. Muitas pessoas no Sul Global, especialmente camponeses, pescadores e pastores, não podem arcar com o custo de não compreender as forças sócio econômicas destruindo os seus meios de subsistência. Comunidades negras carentes no Norte Global – resultantes de ondas históricas e recentes de colonização, expropriação e exploração – formam a estrutura do movimento pela justiça alimentar. Compreender porque negros têm duas vezes mais chances de sofrer de insegurança alimentar e doenças relacionadas à dieta – mesmo que vivem em democracias afluentes do Norte – necessita de uma compreensão da interseção do capitalismo e racismo.

Ativistas de todo o movimento alimentar estão começando a entender que o sistema alimentar não pode ser transformado isoladamente do sistema econômico maior. Para apreciar plenamente a magnitude dos desafios que enfrentamos e o que será necessário para gerar um novo sistema alimentar em harmonia com as necessidades das pessoas e o meio ambiente, precisamos entender e confrontar as fundações sociais, econômicas e políticas que criaram e mantêm o sistema alimentar que buscamos mudar.

Reforma ou transformação¹?

A crise alimentar global levou o movimento americano por justiça alimentar a uma conjuntura política. Um sexto da população mundial passa fome – assim como um sexto da população americana vive em “insegurança alimentar”. Esses níveis severos de fome e insegurança compartilham suas causas originais, localizadas na política econômica de um regime alimentar global e corporativo.

Devido à sua posição política entre reformistas pela segurança alimentar e chamadas radicais pela soberania alimentar, justiça alimentar está em uma posição estratégica para influenciar a direção das mudanças no sistema alimentar. A maneira que as questões raciais e de classe forem resolvidas vai influenciar o direcionamento político das alianças organizacionais do movimento por justiça alimentar: em direção à reforma ou em direção à transformação.

Reconhecendo que o sistema alimentar industrial de hoje em dia é insustentável, o movimento alimentar americano clama por qualidade, sustentabilidade ambiental e segurança alimentar, assim como pela reafirmação de valores alimentares e relações de comunidade associadas aos dias calmos de uma reconstrução do passado agrícola.

Estes pontos formam o que Alkon e Agveman (2011a) se referem como a “narrativa dominante do movimento alimentar”. Fundamentado em uma base social de consumidores majoritariamente de classe média branca, essa narrativa tornou-se uma referência importante na mídia mainstream. No entanto, também tende a tornar invisíveis, os históricos alimentares e as diferentes realidades de pessoas negras e/ou de baixa renda.

A Segurança Alimentar Comunitária (o “movimento alimentar do bem”) enquadra as desigualdades em termos de produção alimentar e comercialização, ao invés de uma desigualdade estrutural, resultando em uma ênfase na melhora das habilidades alimentares e formas alternativas de acesso à comida para famílias de baixa renda, combinado com o esforço de lobby de Washington DC pelo aumento de formas de auxílio alimentar e apoio para sistemas alimentares comunitários. O movimento SAC se esforça pela segurança alimentar mainstream nos sistemas alimentares já existentes.

O movimento pela soberania alimentar busca dismantlar mercados globais e o poder de monopólio das grandes corporações em escala local, nacional e internacional, também defende a redistribuição e proteção de bens produtivos como sementes, água, terra e instalações de processamento e distribuição. Enquanto discursos anti-fome e de segurança alimentar preferem comida ruim acessível à nenhuma comida, isso os coloca em desacordo com grupos de justiça e soberania alimentar que desacreditam essas grandes corporações agroalimentares. (Gottlieb and Joshi 2012, 215)

O movimento por justiça alimentar (JA) se sobrepõe bastante com o SAC, mas tende a ser mais progressista que reformista, endereçando especificamente as formas nas quais pessoas negras em comunidades de baixa renda são desproporcionalmente e negativamente impactadas pelo sistema alimentar industrial. Encurralado entre a urgência do acesso e a necessidade da igualdade, o movimento de justiça alimentar troca, sobrepõe e faz ponte com os esforços do SAC e dos movimentos de soberania alimentar, buscando endereçar racismo e classismo por um lado, enquanto tenta concertar um sistema alimentar quebrado por outro.

Enquanto reformas moderadas do sistema alimentar – como o aumento dos selos regulatórios ou a realocação de supermercados – são certamente necessárias para ajudar comunidades vulneráveis à lidarem com as crises; já que focam em proximidade ao invés das causas originais da fome e insegurança alimentar, eles não vão alterar o equilíbrio de poder fundamental no sistema alimentar e em alguns casos podem até reforçar relações de desigualdade de poder existentes. Concertar o sistema alimentar disfuncional – em qualquer sentido sustentável – exige mudanças no regime. A mudança no sistema alimentar virá da pressão social poderosa e perene que força reformistas a reverter o neoliberalismo no sistema alimentar. Muito dessa pressão poderia vir dos movimentos alimentares – se conseguirem superar as suas divergências.

Para solucionar a crise alimentar é necessário dismantlar o racismo e o classismo no sistema alimentar, transformando o regime alimentar. Isso desafia o movimento por justiça alimentar à fazer alianças que adiantam práticas igualitárias e sustentáveis na base enquanto mobilizam politicamente para grandes reformas redistributivas estruturais. Essa práxis chave pode ainda produzir uma nova e poderosa narrativa do movimento alimentar: a narrativa de libertação.

Referências:

* Alkon, Alison Hope, and Julian Agveman. 2011a. Introduction: The food movement as poly-culture. In *Cultivating Food Justice: Race, Class, and Sustainability*, 1-20. Food, Health, and Environment; series ed. Robert Gottlieb. Cambridge, MA: MIT Press.

* Gottlieb, Robert, Anupama Joshi. 2010. *Food Justice*. Cambridge, MA: MIT Press. 1- https://www.academia.edu/5617522/Pivotal_Role_of_Food_Justice_in_the_U_S._Food_Movement

Justiça alimentar 2.0

LaDonna Redmond, Fundadora e diretora executiva de “A campanha para justiça alimentar agora” <http://www.cfnj.org/>

Eu me tornei uma ativista alimentar porque meu filho Wade desenvolveu alergias alimentares com uma idade muito tenra e eu queria conseguir a comida mais saudável possível para ele. Eu realmente não era diferente de nenhuma outra mãe em minha comunidade. Eu queria o melhor para o meu filho. Mas aquela comida – a melhor comida – não estava disponível no meu bairro na parte Oeste de Chicago. Eu moro em uma comunidade aonde eu posso conseguir uma arma semi-automática mais rápido do que um tomate. O problema de saúde pública gerado pela violência está conectado ao problema de saúde pública de doenças crônicas relacionadas à dieta.

Para mim, justiça alimentar 2.0 é realmente sobre as narrativas dos negros. O movimento de justiça alimentar conta a história do colonialismo e o impacto do trauma histórico nas comunidades negras.

Nós entendemos que a importação de escravos africanos para os Estados Unidos forneceu a mão de obra para o que hoje conhecemos como o nosso sistema alimentar industrial. No cerne do que eu acredito serem os problemas em nossa comunidade, particularmente quando falamos sobre o acúmulo de riqueza ou a falta de saúde, é realmente uma conversa sobre escravidão. Nós não reconciliamos o evento da escravidão ou os seus impactos. Para nós, justiça alimentar não é apenas sobre nutrição. Não é apenas sobre plantar o alimento. É sobre dignidade. É sobre ser enxergado.

Podemos ser bem-sucedidos se formos capazes de reconhecer que nunca tivemos um sistema alimentar justo nos Estados Unidos e que precisamos nos unir e criar uma narrativa aonde todos nós podem sentir em torno de uma mesa e criar o sistema alimentar que precisamos. Recuperar a sua cozinha. Recuperar o seu fogão e mesa. Cozinhar a sua comida. Fazer a sua comida. Saber de onde a sua comida vem.

Adaptado da apresentação Food+Justice = Democracy no TEDxManhattan 2013



1 - https://www.academia.edu/5617522/Pivotal_Role_of_Food_Justice_in_the_U_S._Food_Movement_2012

Quadra 2

A Aliança de Soberania Alimentar dos EUA: Nutrindo Justiça Alimentar

A resistência ao legado do racismo estrutural faz parte vital do que chamamos de "justiça alimentar." A luta para realizar a justiça alimentar está ocorrendo em milhares de comunidades desprivilegiadas, rurais e urbanas, por todo o país—comunidades que estão sofrendo dos impactos nocivos do sistema alimentar corporativo. Os monopólios agrícolas desse sistema envenenam os trabalhadores e o meio-ambiente com agrotóxicos para produzirem alimentos baratos e processados que estão nos tornando doentes. Faltam à segurança alimentar com mais de 50 milhões de pessoas nos EUA, majoritariamente fazendeiros, mulheres, crianças e pessoas não-brancas, que sofrem de doenças devastadoras por causa dessas enfermidades.

Nos Estados Unidos, os fazendeiros familiares constituem menos de 2% dos fazendeiros registrados no país... Nós temos mais pessoas encarceradas do que as que cultivam a terra.

A justiça alimentar nos EUA se manifesta de várias formas para enfrentar esses problemas diretamente. As comunidades desprivilegiadas estão cultivando os terrenos vagos e até mesmo nos terraços; uma nova geração de fazendeiros jovens estão plantando os alimentos orgânicos para as comunidades deles; as feiras livres, os conselhos locais de política alimentar, e os programas de entrega diretamente das fazendas estão florescendo. A defesa de políticas sobre questões de trabalho migrante, justiça ambiental, a marcação para os OGM e a saúde pública estão ganhando poder. Na última década, o movimento de justiça alimentar cresceu rapidamente nos EUA entre comunidades que acreditam que o nosso sistema alimentar deveria servir, não explorar ou envenenar, as pessoas não-brancas. Muitos acham que a justiça alimentar radical possa ser o caminho à liberação. Graças ao trabalho militante das organizações de nível de base, os consumidores conscientizados estão abraçando a justiça alimentar, exigindo alimentos livres de químicas, salários justos e condições dignas para trabalhadores. Todo mundo acredita que os nossos fazendeiros familiares devem ser pagos justamente pelos alimentos que produzem. Muitos fazendeiros estão trabalhando para transformarem os seus sistemas alimentares em máquinas de crescimento econômico sob o controle de comunidades desprivilegiadas. Todos nós procuramos pôr fim ao controle corporativo sobre nossos alimentos. A comida deve ser para as pessoas, não para os cofres de corporações.

Não é coincidência que, com o crescimento do movimento de soberania alimentar, a justiça alimentar também surgiu como conceito, como forma de resistência e como propósito político em escala mundial. A convergência crescente deles é resultado de intercâmbios internacionais e conexões entre organizações locais e movimentos sociais, especialmente La Via Campesina. Isso aconteceu em parte porque a criação de La Via Campesina e o aumento da soberania alimentar tenham influenciado os acadêmicos, as ONGs e as organizações populares. Também, com o avanço da globalização, o racismo no sistema alimentar está piorando.

A Aliança de Soberania Alimentar dos EUA²

A Aliança de Soberania Alimentar dos EUA (USFSA) é uma rede ampla de 33 organizações populares e ONGs comprometidas à fortalecer o poder coletivo dos movimentos de soberania alimentar e justiça alimentar. A USFSA nasceu quando os grupos de fazendeiros e organizações trabalhadoras, comunitárias e de segurança alimentar se reuniram para discutir as ações de longo prazo, de forma que destaquem as causas raiz da Crise Mundial Alimentar de 2008 (de que as políticas e empresas estadunidenses são as culpadas principalmente). Esse verão foi a primeira reunião convocada pela USFSA na capital estadunidense, Washington D.C. Ela pediu uma agenda política mais forte que incluísse preços

justos para fazendeiros e consumidores; igualdade no sistema alimentar; a agricultura sustentável; e direitos do trabalhador e o direito à alimentação.

Em 2009, o Grupo de Trabalho de Crise Mundial Alimentar trouxe até mais pessoas envolvidas em organizações de justiça alimentar para Washington, D.C. Como resultado dessa convergência, os participantes lançaram uma série de iniciativas de 2 anos cada um para apoiar a campanha pôr fim à crise alimentar.

Em outubro de 2009, um subconjunto de aliados organizaram o primeiro Prêmio de Soberania Alimentar em Des Moines³, no estado de Iowa nos EUA durante o Congresso Anual da Community Food Security Coalition (CFSC—a Coligação Comunitária de Segurança Alimentar). O Prêmio de Soberania Alimentar virou ferramenta importante em difundir o conceito de Soberania Alimentar nos EUA por destacar os trabalhos importantes de organizações populares de nível de base. Durante o Congresso da CFSC, integrantes do grupo de trabalho discutiram uma visão e estratégia de longo prazo que se baseava na formação de uma aliança mais abrangente de vários setores nos EUA. Assim, o grupo mobilizou recursos para apoiar a liderança de fazendeiros em audições de defesa da concorrência organizadas pelo Departamento de Justiça e de Agricultura dos EUA (USDJ / USDA). Em seguinte, se deu uma Assembleia Popular sobre a Justiça Alimentar e a Soberania Alimentar no Fórum Social dos EUA na cidade de Detroit, Michigan em 2010.

A necessidade por uma aliança entre migrantes, trabalhadores, fazendeiros, famílias urbanas e ONGs para enfrentar as questões de justiça alimentar e soberania alimentar se tornou clara nessa reunião. Por dois dias as organizações populares, fazendeiros e ONGs de várias cidades estadunidenses bem como representantes de La Via Campesina Internacional de Honduras, Palestina, Haiti e a República Dominicana se reuniram para discutir como as organizações locais pudessem se juntar a um processo político para democratizar radicalmente o sistema alimentar, enraizado em uma agenda global determinada pelos movimentos sociais. Quatro meses mais tarde, no congresso da CFSC em Nova Orleães, se lançou a USFSA.

Olhando para frente

Desde o lançamento da Aliança de Soberania Alimentar dos EUA, os movimentos pela soberania e a justiça alimentar encontraram uma nova série de desafios. Em nome de "austeridade fiscal," o Congresso Nacional procura cortar milhares de famílias das subvenções de alimentos e outros programas sociais. Sete estados nos EUA aprovaram leis de mordada que proíbem a documentação e disseminação das transgressões dos agronegócios. Um crescente estado policial declarou guerra aos jovens não brancos. Mas também, existem sinais de novos movimentos populares eficazes — #BlackLivesMatter, a Justiça Climática, e a resistência crescente contra o Monsanto.

Em outubro desse ano, a Aliança da Soberania Alimentar dos EUA vai dar a 3ª Assembleia Geral bem como o 7º Prêmio de Soberania Alimentar em Des Moines, Iowa do dia 13 a 15 de outubro. Como alcançamos o marco do nosso quinto aniversário, estamos empenhados em realizar nossa missão: montar a luta mundial pela soberania alimentar e a justiça alimentar, por criar confiança e fomentar a liderança da classe trabalhadora e das comunidades de pessoas não brancas a reivindicarem as vidas e os corpos delas do racismo estrutural. Por reunir as ONGs com as organizações populares em uma aliança ampla com setores sociais diferentes nos EUA e no exterior, a USFSA é espaço importante pela defesa de justiça e soberania.

1. Para saber mais do conteúdo deste artigo, e da USFSA, favor de entrar em contato com o Saulo Araújo e Tristan Quinn-Thibodeau de WhyHunger.
2. [Http://usfoodsovereigntyalliance.org/](http://usfoodsovereigntyalliance.org/)
3. [Http://foodsovereigntyprize.org](http://foodsovereigntyprize.org)



Vozes do campo 2

Empoderamento e Resiliência Comunitária em Detroit

De Malik Yakini, Fundador e Diretor Executivo da Rede Comunitária Negra de Segurança Alimentar de Detroit, <http://detroitblackfoodsecurity.org/>

Atualmente na nossa cidade de Detroit, a população é cerca de 700.000, tendo diminuído do máximo histórico de 1.900.000. A cidade se despovoou por causa de três fatores principais: (1) o declínio da indústria de automóveis; (2) a saída da maioria da população branca do centro urbano nos anos 50 e 60; e mais recentemente, (3) a partida da classe média negra. Nós estamos sofrendo de um desemprego massivo, com uma taxa que está entre 18 e 20 por cento. Não existem cadeias de supermercados significativas em Detroit. Isso obriga a maioria dos habitantes a comprarem os seus alimentos nas lojas de conveniência. Muitos dos chamados alimentos oferecidos nessas lojas são embalados em isopor/esterovite/poliestireno e outras matérias nocivas.

A área geográfica da cidade é 370 quilômetros quadrados. Dessas 370, quase um terço está vazio devido ao despovoamento e desinvestimento intencional na metrópole.

A realidade é que Detroit e os Detroiters (termo para moradores locais) estão sendo espancados. Um dos motivos por esse espancamento é a luta há mais de 50 anos pelo empoderamento negro na cidade. Por volta de 80 por cento da população da cidade é afro-americana e moramos em uma das regiões mais polarizadas por raça nos Estados Unidos. Já estamos vendo uma onda de gente das classes médias e altas voltando para morar no centro de Detroit. Nós observamos os jovens brancos mudando-se para o centro metropolitano, deslocando os moradores negros de longo prazo. Tudo isso está acontecendo no meio de uma das coisas mais insidiosas que ocorreram nos Estados Unidos ultimamente: um gerente de emergência municipal apontado pelo governador do estado de Michigan retirou poder dos funcionários eleitos. Efectivamente, se retiraram os votos do povo de Detroit também.

Nossa organização vem trabalhando para capacitar a comunidade e fortalecer a resiliência dela. Nós também estamos preocupados com a criação da democracia, em que as pessoas tomam decisões que afetam as próprias vidas e comunidades. Todos nós estamos lutando contra a gemação diabólica: o capitalismo e a supremacia branca, que manifestam-se nem sequer dentro do sistema alimentar industrial, mas também dentro dos movimentos de soberania alimentar e justiça alimentar. Importa que todos nós estamos dedicados ao trabalho desafiante de desinvestir-nos da opressão racial internalizada. De fato, não é de menor importância no nosso trabalho: isso é o trabalho.

Adaptado da apresentação na conferência "Soberania Alimentar: um diálogo crítico" na Universidade de Yale em 2013. Para mais informações <https://www.tni.org/en/article/food-sovereignty-critical-dialogue-0>



Vozes do campo 3

Os Trabalhadores Agrícolas: Um Novo Apartheid

Rosalinda Guillén, Diretora Executiva de Community to Community — <http://foodjustice.org>

Eu sou fazendeiro e entendo agora que fazemos uma pequena embora importantíssima parte de um sistema. Eu sou conectado à história da escravidão na indústria agrícola desse país porque nós somos os novos escravos. Eu posso dizer como Mexicana-Americana que existe novo grupo de escravos que está fazendo com que a indústria agrícola seja muito rica nesse país.

Em muitas comunidades dos Estados Unidos em que estamos trabalhando, nós aprendemos a sobreviver sob um sistema meio parecido ao apartheid, um apartheid econômico, social, e racial. Somos escondidos, somos calados; trabalhamos.

A expectativa de vida do trabalhador agrícola médio nos Estados Unidos ainda é 49 anos de idade. É isso que é preciso para manter o nível de produção requerido pela indústria agrícola para que você possa ter as suas frutas e legumes frescos. E alguns de nós morrem antes de fazer essa idade. O Antônio Zambrano foi morto pela polícia na vila de Páscu, Washington por jogar pedra por frustração da própria pobreza, desrespeito e mau tratamento que ele e a família dele receberam durante muitos anos.

Para nós, a política agrícola significa que ainda se permite o uso de pesticidas. A política agrícola significa que o salário de trabalho à peça é um processo legal e institucionalizado de roubo que quase todo trabalhador agrícola precisa usar para ganhar dinheiro. É por isso que somente duramos até os 49 anos: o sistema de trabalho à peça, e os pesticidas. Pare e escute um momento: somos os sinais de alerta. A indústria agrícola está desencadeando agrotóxicos nos campos da Califórnia que também se aplicam pelo país inteiro, e pior, vão atingir você, o consumidor. Ouça o que nós temos dizer, somos os trabalhadores agrícolas.

É caminhando que nós fazemos a estrada. Não sabemos como será o rumo, mas precisamos andar em conjunto e viver bem enquanto caminhamos. Isso quer dizer que todo mundo deve se comprometer. A estrada que caminhamos juntos há de levá-nos à mesa onde você pode ficar com a família e comer em paz, sabendo que a comida não se produziu por exploração—nem de humanos nem da terra.

Texto adaptado da apresentação do painel do quinquagésimo aniversário de Food First em 2015.

Quadra 3

Black lives matters¹

O movimento de justiça alimentar é reflexo do aumento da resistência social e política contra o racismo estrutural. Ao contrário das afirmações da maioria de que vivemos em uma sociedade pós-racial, um aumento alarmante de violência institucional contra os jovens afro-americanos e pessoas de cor nos Estados Unidos surgiu ao mesmo tempo que a crise alimentar, a crise dos combustíveis fósseis e a crise financeira. Os movimentos a fim da justiça e da liberação estão impossibilitando a ignorância continuada do racismo, entre pessoas de qualquer persuasão política.

No dia 8 de agosto de 2015, o candidato presidencial progressista e Senador Bernie Sanders², do estado de Vermont, apareceu na cidade de Seattle para discutir os programas sociais quando foi interrompido por dois integrantes da rede #BlackLivesMatter². Dia 9 de agosto marcou o primeiro aniversário do assassinato de Michael Brown por um policial em Ferguson, Missouri. Os dois manifestantes pediram 4,5 minutos de silêncio em reconhecimento das quatro horas e meia que os policiais deixaram o corpo sem vida do homem na rua.

Os manifestantes - duas jovens negras - criticaram o Sanders e outros progressistas por não enfrentar o racismo. Muitos na plateia, predominantemente branca, ficaram com raiva e exigiram que eles permitissem o senador a falar, mas Sanders saiu do palco. Mais tarde, ele escreveu uma declaração em que disse que ficou "desapontado porque em relação ao assunto da reforma do sistema de justiça criminal e o necessário combate ao racismo, não há candidato que vá lutar mais intensamente do que eu."

Desde que o protesto aconteceu, houve debate sobre a utilidade dele para o movimento #BlackLivesMatter. Algumas pessoas acreditavam que fosse necessário responsabilizar os brancos progressistas pela questão do racismo estrutural. Outros ficaram confusos sobre a crítica de Bernie Sanders porque ele sempre foi apoiador dos direitos civis. Porém, esse protesto não se tratou do Sanders somente: se tratou do fracasso de todos os progressistas em lutarem contra o racismo.



Embora Sanders possa ter se desapontado pelo resultado desse dia, essa experiência provará ter valido a pena. Demonstrou para ele o que importa ao povo dando a oportunidade de comentar essas preocupações e ganhar credibilidade. O movimento para a liberação negra, o #BlackLivesMatter (As Negras Vidas Importam), está forçando os progressistas a terem a conversa desconfortável do racismo e pressionando os políticos a tomarem ação. Os ativistas desse movimento estão declarando com clareza aos políticos e ao público que não podemos avançar politicamente sem enfrentar a violência do racismo estrutural.

Para a perspectiva de um homem indígena que estava presente no evento (em inglês): <http://www.thestranger.com/blogs/slog/2015/08/13/22694043/guest-editorial-i-support-bernie-sanders-for-president-and-i-also-support-the-black-lives-matter-takeover-in-seattle>

1 - Black Lives Matter - As Vidas Negras Importam - <http://blacklivesmatter.com/>

2 - <http://www.sanders.senate.gov/d-i-also-support-the-black-lives-matter-takeover-in-seattle>

para ler, ouvir, assistir e compartilhar

- Alberto Alonso-Fradejas, Christina Schiavoni e Zoe Brent, *Contextualizing Food Sovereignty: the politics of convergence among movements in the US*, 2015, <http://foodfirst.org/publication/contextualizing-food-sovereignty-the-politics-of-convergence-among-movements-in-the-us/>
- Vídeo: Eric Holt-Gimenez, *Dismantling Racism in the Food System: Keynote presentation*, Just Food Conference, New York City, 2015, <http://foodfirst.org/2015-just-food-conference-keynote-by-eric-holt-gimenez-dismantling-racism-in-the-food-system/>
- Apresentação: *Dismantling Racism in the Food System*, <http://foodfirst.org/presentation-dismantling-racism-in-the-food-system/>
- Nikki Silvestri, Malik Yakini, D'Artagnan Scorza, *Chant Down Babylon: Building Relationship, Leadersip, and Power in the Food Justice Movement*, WhyHunger, 2014, http://www.whyhunger.org/uploads/fileAssets/1d6191_6fc3bb.pdf
- Raj Patel, Food First Backgrounder, *Survival Pending Revolution: What the Black Panthers can Teach the Food Justice Movement*, 2012, <http://foodfirst.org/publication/survival-pending-revolution-what-the-black-panthers-can-teach-the-us-food-movement/>
- *Tangled Roots and Bitter Fruit: What Ferguson can teach the food movement*, <http://foodfirst.org/tangled-roots-and-bitter-fruit-what-ferguson-can-teach-the-food-movement/>

